

**VICENTE**

COLECÇÃO DIRIGIDA POR OSÓRIO MATEUS

---

Ernestina Carrilho  
ROMAGEM

---

**Quimera**

LISBOA 1990 | e-book 2005



*Esta tragicomédia seguinte é sátira, seu nome é Romagem d'Agravados.*

*Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente (1562: 183-190)*

O nome do auto ecoa palavras da representação – *Romagem dos Agravados*, verso da primeira fala, designa o espectáculo. Fora do texto, perde uma sílaba: *Romagem d'Agravados*.

Na *Copilaçam* de 1562, *Romagem* fecha o livro terceiro, *que é das tragicomédias*. A montagem de textos por géneros, em cinco livros, perdeu memória das acções e apresenta insuficiências. *Esta tragicomédia*, também *sátira*, parece denunciar *a fragmentação, a promiscuidade tipológica da maioria dos autos* (Mendes 1990: 333). Séculos depois, o texto do auto ainda faz hesitar algumas classificações (Révah 1951: 32; Teyssier 1982, 1985: 42, 97, 102), suscitando diferenças na atribuição de género (Vasconcelos 1923, 1949: 32, *comédia*; Saraiva 1942, 1981: 322, *farsa*; Keates 1959, 1962: 112, *comédia satírica*).

No auto, sátira e riso parecem responder-se. Desmascaram a corrupção, a vaidade, o descontentamento e a ambição – a leviandade dos *homens de vento* (190a) é sublinhada por um *frei* que, enquanto alegoria do *Paço* perante a corte, também pode ser sátira.

Dos *autos* que integram o livro terceiro da *Copilaçam*, só dois foram apresentados durante o reinado de D. Manuel (*Exortação* 151?, *Cortes* 1521), por ocasião de celebrações políticas importantes. No reinado joanino a produção e representação de *tragicomédias* torna-se mais frequente e festeja também momentos como o nascimento de filhos do rei (*Serra* 1527, *Triunfos* 1529).

*Foi representada ao muito excelente príncipe e nobre rei dom João, o terceiro em Portugal deste nome, na cidade de Évora, ao parto da muito esclarecida e cristianíssima rainha dona Caterina nossa senhora e nascimento do ilustríssimo ifante dom Felipe. Era do senhor de 1533.*

*Romagem* é auto para *nascimento* de filho de rei, circunstância que o teatro de Vicente celebra desde a *Visitação* de 1502.

Em fins de Novembro de 1532 a corte desloca-se para Évora, onde permanece até Agosto de 1537. Nesta cidade nasce o infante D. Felipe, quarto filho de D. João III e Dona Caterina, a 24 de Maio de 1533, domingo, de acordo com a cantiga final do auto (*Por Mayo era por Mayo \ ocho días por andar; en un día de domingo*), ou a 25, segundo Andrada (1613, 1976: 540): *Estando el Rey nosso senhor na cidade de Euora com toda a corte este anno de 1533, aos vinte e cinco dias do mez de Mayo do mesmo anno pario a Rainha nossa senhora hum filho, a que foy posto nome dom Filippe, de cujo bautismo não ponho aquy as particularidades, porque as não achei escritas,*

*mas achey que falecera de muito pouca idade [...].* Para a festa do nascimento, Vicente prepara um auto com cantigas e danças, que nomeia prováveis espectadores – além de *el ifante, el rei y la reina* (190a), alguns membros da corte (cf. 186b-186c) – mas que só no final alude ao recém-nascido. Num dos serões (ou dias?) que seguiram o nascimento do infante, talvez ainda em Maio, o teatro acontece em Évora, possivelmente no palácio real. O espaço da representação pode ter sido um interior, não sei se um salão, se a câmara da rainha. Na ficção é um exterior sem grandes exigências cénicas, um lugar de passagem para uma romaria, uma *estrada* (186c36).

O fingimento de romaria torna verosímil o aparecimento dos romeiros, que vêm aos pares – o desfile processional das figuras é modo de teatro já conhecido na produção de Vicente. Nas sequências que o processo deixa entrever, os sete pares de romeiros queixam-se perante frei Paço, que, sentado numa cadeira, parece dar unidade ao espectáculo. A cadeira pode estar entre quem vê, entre quem representa, ou num lugar intermédio – a leitura das acções não pode ignorar a diferença entre estes espaços.

Cada par é anunciado pelas figuras que o antecedem ou pelo frade, interlocutor de quase todos eles. Os romeiros que vão chegando podem ficar à vista, em cena, até ao fim da acção. São agravados de diferentes níveis sociais, e o espectador do teatro de Vicente poderia reconhecer alguns, de outros autos. O modo como estão caracterizados pode ser já familiar, pode evocar outros nomes. O tópic do descontentamento, sempre reiterado, dissolve-se na moral conformista de frei Paço, que só quase no final do espectáculo lembra as circunstâncias da festa – as alegrias do nascimento do infante.

*Interlocutores:*

*Frei Paço, João Mortinheira e Bastião seu filho, Bereniso e Colopêndio fidalgos, Marta do Prado e Branca do Rego regateiras, Cerro Ventoso, Frei Narciso, Apariç'Eanes e sua filha Giralda, Domicília e Dorosia freiras, Hilária e Juliana pastoras.*

A didascália da *Copilaçam* só não emparelha com a conjunção copulativa o par socialmente mais heterogéneo, que alia nobreza e clero – *Cerro Ventoso* e *Frei Narciso*.

*Entra logo frei Paço com seu hábito e capelo e gorra de veludo e luvas e espada dourada fazendo meneos de muito doce cortesão e diz:*

*. Quem me vir entrar assi  
com estes jeitos que faço  
cuidará que endoudeci  
até que saiba de mi  
que sam o padre frei Paço.  
Deo gracias nam me pertence*

*nem pera sempre nem nada  
senam espada dourada  
porque muito bem parece  
ao paço trazer espada*

A fala inicial verbaliza acções simultâneas – *entrar* (para onde? vindo de onde?), fazer *jeitos* – e pressupõe um público – *quem me vir*. Frei Paço identifica-se perante quem vê e num verso como *com estes jeitos que faço* pode programar o seu modo afectado durante todo o auto. Duplamente caracterizado, como religioso (*hábito e capelo*) e como cortesão (*gorra de veludo e luvas e espada*), frei Paço rege-se pelas leis do paço: *envejar, mexericar, falar mui doce cortês*. Só o hábito o faz frade. *mestre-mor dos namorados*, ainda transporta alguma memória de outro frade cortesão – o de *Inferno* (1517).

*eu sam fino da pessoa  
e por se nam duvidar  
fiz ùa cousa mui boa  
leixei crecer a coroa  
sem nunca a mandar rapar.  
e portanto vos não digo  
Deo gracias s'atentais nisto  
nem louvado Jesu Cristo  
inda que trago comigo  
hábito qu'ê muito disso*

183dII

*e sam tam paço em mi  
que me posso bem gabar  
que envejar mexericar  
são meus salmos de Davi  
que costume de rezar.  
falo mui doce cortês  
grã soma de cumprimentos  
obras nam nas esperês  
senam que vos contentês  
com palavrinhas de ventos*

*sou favor e desfavor  
mestre-mor dos namorados  
engano dos confiados  
sou templo do deos d'amor  
inferno de magoados.  
porém nam como soía  
é já a lei namorada  
e porque tudo s'enfria*

184a

*amo assi de sesmaria  
e sospiro d'empreitada*

Frei Paço anuncia um espectáculo – um auto (que já começou) – e dá-lhe nome: *Romagem dos Agravados*. O teatro dispensa palavras de esclarecimento e vai prosseguir com a chegada de novos corpos, peregrinos sem fé, queixosos e revoltados, *inda que alguns achareis \ que se agravam d'abastados*. A fala de frei Paço é programa que anuncia um processo – *as figuras que virão, cada um dirá quem é \ e a causa da romagem*. É muito provável que cada um também mostre quem é pelo modo como vem caracterizado.

*o auto que ora vereis  
se chama irmãos amados  
Romagem dos Agravados  
inda que alguns achareis  
que se agravam d'abastados.  
e pera declaração  
desta obra santa et cetra  
quisera dizer quem são  
as figuras que virão  
por s'entender bem a letra*

*porém é perder maré  
e dilatar a viagem  
que per mui clara lingoagem  
cada um dirá quem é  
e a causa da romagem.  
entrará logo um vilão  
chamado João Mortinheira  
agravado em grã maneira  
quero ver sua paixão  
assentado nesta cadeira.*

O texto deixa adivinhar o gesto evidente para o espectador, no momento em que frei Paço se acomoda para ver e ouvir os agravados. A voz que parece calar-se logo começará a dialogar com as novas figuras.

Pai e filho formam o primeiro par. São gente que trabalha o campo e as suas queixas, já ouvidas na voz do Lavrador de *Purgatório* (1518), são de sempre. Este vilão de *Romagem*, romeiro sem *devação*, vem agravado de Deus, que lhe dá a morte em vida.

A marcar o início de fala da figura, substituo *Vilão*, que aparece por vezes na edição de 1562, pelo nome próprio *João Mortinheira*. A *Copilaçam* regista outras variantes – *da Morteira* (183'17, 189c10), *Martinheira* (184a26) – com a mesma medida métrica.

*Vem João Mortinheira com seu filho Bastião e diz:*

*. Oh descreo nam de são  
renego da sementeira  
esta é forte canseira  
que me tira a devação  
de rezar inda que queira.  
ca nam vou pera rezar  
pesar de minha madrasta  
que rezar arrenegar  
mal dizer e contemplar  
nam podem ser dũa casta*

*porque a pessoa agravada  
nam lhe rege a devação.*

Frei Paço . *De que te queixas vilão?*  
João Mortinheira . *De Deos que é cousa provada  
que me tem grande tenção.*  
Frei Paço . *Que te faz que te querelas?*  
João Mortinheira . *Faz-me com que desespero.*  
Frei Paço . *Quê?*  
João Mortinheira . *Que chove quando não quero  
e faz um sol das estrelas  
quando chuva algũa espero*

184b

*ora alaga o semeado  
ora seca quant' i há  
ora venta sem recado  
ora neva e mata o gado  
e ele tanto se lhe dá.  
eu que o queira demandar  
por corisco e trovoada  
por pedrisco e por geada  
buscai quem o vá citar  
que lhe acerte com a pousada*

*nem tem prema de ninguém  
e fará quanto quiser  
podia-me Deos fazer bem  
sem nisso dar perda a alguém  
mas do demo que ele quer.  
e com estas cousas tais  
que eu vejo desta maneira  
digo que me tem cenreira  
e nam cureis vós de mais*

*que craro se vê na eira.*

Frei Paço . *Cuidas que nam dizes nada  
e que mora Deos contigo.*

João Mortinheira . *Vedes vós eu padre digo  
que tempere a invernada  
e leixe criar o trigo.  
mas ele de tençoeiro  
sem ganhar nisso ceitil  
vai dar chuvas em Janeiro  
e geadas em Abril  
e calmas em Fevereiro*

*e névoas no mês de Maio  
e meado Julho pedra*

*meu aio, trabalho e dizimari'eu* estabelecem, na voz que vem do campo, uma relação particular entre o homem e Deus, reconhecido como o senhor, o dono de *o seu e o meu*.

*eu trabalho atás que caio  
pardeos ele que é meu aio  
cada vez mais me desmedra.*

Frei Paço . *Olha tu pola ventura  
se lhe pagas bem o seu.*

João Mortinheira . *Bem me dizimari'eu  
se ele de birra pura  
nam danasse o seu e o meu.*

184c

Frei Paço . *Rezas-lhe tu alguns dias  
que te livre dessa afronta?*

João Mortinheira . *Muito faz ele ora conta  
das minhas ave-marias  
rezo-lhe mais do que monta.  
nam sei a quem ele sai  
mas é feito a seu prazer  
ele me matou meu pai  
e meu dono e entam vai  
fez morrer minha molher*

*tomai-lhe lá conta e vede  
por que matou minha tia  
que mil esmolos fazia  
e leixa os rendeiros do verde  
que me citam cada dia.*

Frei Paço aconselha conformismo mas não altera o propósito de João Mortinheira, que pretende melhorar a condição do seu filho fazendo-o religioso – *por que possa viver \ como mais folgado seja.*

Frei Paço . *Dizem que nam pode ser  
maior dom que bom conselho  
faze o que t'eu disser  
conforma-te c'ó que Deos quer  
e do siso faze espelho.*

João Mortinheira . *Conforme-se ele comigo  
er também no qu' é rezão  
qu' eu sam pobre coma cão  
e cada dia lho digo  
e folga se vem à mão.  
nam me presta nemigalha  
oferta nem oraçãõ  
ora dá palha sem grão  
ora nam dá grão nem palha  
senam enfinda opressão*

*por isso quero fazer  
este meu rapaz d'irgueija  
nam com devaçam sobeja  
mas por que possa viver  
como mais folgado seja.  
quereis-mo padre ensinar  
e dar-vos-ei quanto tenho?*

Frei Paço . *Se o ele bem tomar.*

João Mortinheira . *Para tudo tem engenho  
e tem voz pera cantar.*

No instante seguinte, o cómico nasce do *qui pro quo* entre frei Paço, que examina, e Bastião, que responde sem demora mas de modo inadequado, incentivado pelos aplausos do pai. Em confronto estão dois saberes – o do letrado e o dos rústicos. O desencontro é momento de riso.

Frei Paço . *Toma este papel na mão  
e lê esses versozinhos.*

184d

Bastião . *Isto é pera cominhos  
ou hei-d'ir por açafirão?*

Frei Paço . *Ainda nam sabes nada.*

Bastião . *Sei onde mora a tendeira.*

João Mortinheira . *É mais agudo qu'a espada  
nam há i cabra na manada*

*que nam tenha na moleira.*

Frei Paço . *Ora sus sem mais debate  
dize: a b c d e.*

Bastião . *Arre arre cedo é.*

Frei Paço . *Dize: a x.*

Bastião . *Cacis era um alfaiate  
que morava ali à sé.*

João Mortinheira . *Se tu vives Bastião  
serás um fino letrado.*

Bastião . *Parece que andou o arado  
per estas que quer que são.*

Frei Paço . *Hás mister bem examinado*

*e no latim te quero ver  
dize ora: beatus vir.*

Bastião . *Pouco é isso de dizer  
vi ora três ratos vir.*

João Mortinheira . *Vede lá esse saber.*

Frei Paço . *Dize ora cantando: amém  
por ver se sabes cantar.*

Bastião . *Oh que cousa pera errar.  
abém.*

Frei Paço . *Alto alto amém.*

*Assovia em lugar d'amém.*

Frei Paço . *Nam cureis de debater  
nem no quero ensinar mais  
digo qu'embalde cansais  
qu'este nunca há-d'aprender.*

João Mortinheira . *Segundo o vós ensinais.*

O par anuncia a chegada de novos agravados, por um processo eficaz: dá conta de quem entra em cena e chama a atenção do espectador para essas figuras, num modo que Leif Sletsjõe (1965: 71) considera uma visão quase *cinematográfica*. Os romeiros que chegam são fidalgos, mas, no teatro, o vilão conhece-os e sabe das suas vidas. Não é muito verosímil, mas é um modo de sinalizar o que se vai ver.

Bastião . *Pai pai que senhor é aquele  
que vem cá quasi mortal?*

João Mortinheira . *Colopêndio se cham'ele  
e tam grande amor deu nele  
que o trata bofé mal*

*vem agravado por isso  
e descontente de si  
ele e logo Bereniso  
fidalgos de grande aviso.*

É do amor que os nobres se agravam, num discurso próximo do formalismo palaciano que frei Paço bem conhece. Colopêndio, um dos *fidalgos de grande aviso*, verbaliza os paradoxos do amor, reiterados em estrofe anafórica, não muito distante do soneto de Camões *Amor é fogo que arde sem se ver*.

Colopêndio . *Pois amor o quis assi  
que meu mal tanto me dura  
nam tardes triste ventura  
que a dor nam se dói de mi  
e sem ti nam tenho cura*

185a

*foges-me sabendo certo  
que passo perigo marinho  
e sem ti vou tam deserto  
que quando cuido que acerto  
vou mais fora de caminho.  
porque tais carreiras sigo  
e com tal dita naci  
nesta vida em que nam vivo  
qu'eu cuido que estou comigo  
eu ando fora de mi*

*quando falo estou calado  
quando estou entonces ando  
quando ando estou quedado  
quando durmo estou acordado  
quando acordo estou sonhando.  
quando chamo entam respondo  
quando choro entonces rio  
quando me queimo hei frio  
quando me mostro m'escondo  
quando espero desconfio*

É amor português, desesperado e triste. É amor cortês, tecido de sofrimento e morte, desdenhado pela amada cruel, a lembrar uma tradição cancioneril que, em 1533, já tem séculos.

*nam sei se sei o que digo  
que cousa certa nam acerto*

*se fujo de meu perigo  
cada vez estou mais perto  
de ter mor guerra comigo.  
prometem-me uns vãos cuidados  
mil mundos favorecidos  
com que serão descansados  
e eu ach'-os todos mudados  
em outros mundos perdidos*

*já nam ousou de cuidar  
nem posso estar sem cuidado  
mato-me por me matar  
onde estou nam posso estar  
sem estar desesperado.  
parece-me quanto vejo  
tudo triste com rezão  
cousas que nam vem nem vão  
essas são as que desejo  
e todas pena me dão*

185b

*eu remédeo nam no espero  
porque aquela em que me fundo  
pera mi que tanto a quero  
tem o coração de Nero  
pera me tirar do mundo.*

Bereniso rivaliza nas queixas do amor:

*. Quem sofrimentos vendesse  
quanto ouro ganharia  
que eu por um só lhe daria  
a vida se a tivesse  
como quando Deos queria*

*porque é tal meu padecer  
sem ninguém de mi ter dó  
que as pragas de faraó  
nam se houveram d'escrever  
nem os agravos de Job.*

Colopêndio . *Ai de mi que estou em tal risco  
de penosa confusão  
que tenho já o coração  
feito pedra de corisco  
e meu spirito carvão*

*minha alma com tal perigo  
deseja ser de animal  
porque de mi lhe vem mal  
meu bem pesa-lhe comigo  
e eu quero-lhe mal mortal.*

Bereniso . *Ó irmão onde te vás?*

Colopêndio . *Juro às dores que sostenho  
que nam sei se vou se venho  
tu senhor meu mo dirás  
qu'eu de mi novas nam tenho.*

A retórica de Colopêndio é desconstruída por Bereniso:

*. Se fosses bem namorado  
antre os teus termos mortais  
terias vivo o cuidado  
mas amor desacordado  
é desacordo e nô mais.*

Colopêndio . *Se amasses onde eu  
e servisses a quem sirvo  
pasmarias como vivo  
e mais terias de teu  
os desacordos que digo.*

Bereniso . *Pois que tu mesmo reclamas  
que nam sabes ond'estás  
nem sentes se vens se vás  
como sabes tu a quem amas  
ou por quem sospirarás?*

185c

Colopêndio . *Pois falas isento assi  
certo a mi se m'afigura  
que nunca chegou a ti  
o úmpito que contra mi  
tomou a desventura*

*sabe certo que é senhor  
meu desacordo de sorte  
que ele esforça minha dor  
pera outro mal maior  
que está aquém de minha morte.  
assi que meu desmaiar  
per tal jeito se ordena  
que nam se me passa pena  
por sentir nem por chorar  
nem dor grande nem pequena.*

Bereniso . *Eu sou o mor namorado  
homem que nunca s'achou  
porém um escomungado  
que o diabo escomungou  
nunca foi tam desamado.  
a dama cujo naci  
o maior prazer que sente  
é dizerem mal de mi  
se venho foge dali  
se me vou fica contente*

*ela pedia mosteiro  
agora quer-se casar  
por que eu me vá enforçar  
no mais alto sovereiro  
qu'eu mesmo per mi buscar.*

É possível que Colopêndio e Bereniso tenham dialogado enquanto caminhavam e que só neste momento cheguem mais perto de frei Paço. O frade, que terá escutado o diálogo entre os dois fidalgos, aproveita para elogiar o paço – ele que é Paço e que está perante o paço.

Frei Paço . *E frei Paço estar calado.*  
Bereniso . *Frei Paço sois de verdade?*  
Frei Paço . *Senhor a vosso mandado.*  
Bereniso . *Quant'eu à minha vontade  
o paço em frade tornado  
nem é paço nem é frade.*

Frei Paço . *Irmãos haveis de notar  
que o paço é flor das flores  
pasto de grandes senhores  
e mais é um grande mar  
com soma de pescadores.  
ũa grandeza somária  
de virtudes e nobrezas  
floresta mui necessária  
linda escola sebilária  
onde se aprendem grandezas.*

185d

Colopêndio . *Padre muito bem dizeis  
que também suas donzelas  
são figuras das estrelas  
e imagens de Deos os reis  
que dão luz a todas elas.*

Frei Paço . *Porém onde caminhais  
falai senhores comigo.*  
Colopêndio . *Cada um leva consigo  
agravos tantos e tais  
que ouvi-los corrês perigo*

*eu já amo e desespero  
nunca de queixar-me leixo  
e ando tam fora do eixo  
que eu mesmo busco e quero  
os males de que me queixo.*

Bereniso . *Sabe Deos e as estrelas  
que minhas coitas amaras  
buscá-las me são mais caras  
mil vezes que nam sofrê-las.  
que a saudade sentida  
me lastima de tal sorte  
que com vontade acendida  
me faz ir ver minha vida  
por que vá buscar a morte.*

Frei Paço . *Se isso assi conheceis  
que vós per vós vos matais  
culpados a quem culpais  
mortos que vida quereis  
ou de que vos agravais?*

Colopêndio . *Padre Paço bem sentis  
digo que amo a ùa donzela  
mais bela que frol de lis  
por que tanto mal me quis  
pois naci cativo dela?*

Frei Paço . *Porque foi nacer co'ela  
nam vos ter em dous ceitis  
e quanto vós presomis  
nam no estima por ser bela  
nem quanto lhe referis.*

Colopêndio . *Deo gracias ouvi-me padre  
e se meu serviço atura?*

Frei Paço . *Digo or'eu pola ventura  
que nam sois à sua vontade  
obrigá-la-eis por escritura*

*que dous conformes amores  
num amor é de ventura*

186a

*e se só por fermosura  
se vencem os amadores  
será amor mas nam de dura.*

Colopêndio adia as suas queixas para um *depois* fora do tempo da representação e anuncia duas *regateiras do pescado* – Branca e Marta, que já fora nome de regateira em *Purgatório*. O processo de entrada em cena repete-se.

Colopêndio . *Depois se praticará  
o mais de que sou agravado  
Branca do Rego vem lá  
e também Marta do Prado  
regateiras do pescado  
escutemo-las de cá.*

Marta . *Olha cá Branca do Rego.*  
Branca . *Que me queres Marta do Prado?*  
Marta . *Tu tens tudo emburilhado  
pera qu'ê/quê falar galego  
senam craro e despachado?*  
Branca . *E bem em que andar embora  
feito é o forno da telha.*  
Marta . *Se tu nam deras à golhelha  
nunca o nosso agravo fôra  
nem eu torcera a orelha*

*nam a nam mas tu andar  
dá-lhe dá-lhe dá-lhe dá-lhe  
urdir torcer ordenar  
tu nam duravas em vale  
com pressa do mau pesar.  
casade-a ora ui casade-a ora  
que é um mancebo de rosas  
antes que se afaste afora  
e por isso nas más horas  
nos agravamos agora.*

Branca . *Ora olhai ouvi ouvi  
que me foi a rodear  
havia tu de buscar  
com que pôr a culpa a mi  
e queres-te a ti salvar.  
por que nam contas agora  
as práticas saborosas*

186b

*do cachopinho de rosas  
com que sias cada hora?*  
Marta . *Contarei as suas prosas.*

Frei Paço . *E de que ides agravadas  
nesta santa ladainha?*

Branca e Marta foram vítimas da corrupção dos poderosos, os *presidentes* que – *luva vai e luva vem* – passaram um falso alvará ao pretendente da sua sobrinha. Não se identifica o falsificador, mas os nomes sugeridos podem ter designado espectadores de 1533, ligados à corte de D. João III – Damião Dias e André Pires, escrivães; Cristóvão Esteves, juiz da Fazenda; Fernão d'Álvares, tesoureiro-mor; o conde do Vimioso, o conde de Penela, D. Rui Lobo, vedores da câmara; Lourenço de Sousa, aposentador-mor; Pero Carvalho, camareiro e guarda-roupa do rei; e Rui Lopes, o *veador* (Firmino 1989: 18). Ainda que não estivessem a assistir ao auto, os seus nomes assim enumerados soariam familiares à corte que os ouvia e que talvez também pudesse identificar esse *moço da câmara d'el rei*.

Branca . *Tínhamos ãa sobrinha  
que tinha um conto aosadas  
e tudo se tornou tinha.  
sai-nos um casamento  
c'um moço da câmara d'el rei  
casarei nam casarei  
tam doce tam' çucarento  
Jesu como o contarei*

*luva vai e luva vem  
e alvalá de filhamento  
fazemo' lo casamento  
c'o carrapato d'Ourém  
moço da câmara do vento.*

Frei Paço . *Tem de casamento tanto  
e moradia sabida.*

Marta . *Ui pola sua negra vida  
ele é dos do livro em branco  
e da esperança perdida.*

Branca . *O alvalá que nos mostrou  
com tanto de filhamento  
tanto d'acrecentamento  
nam sei quem lho despachou.*

Marta . *Damião Dias ou alguém  
lhe houv'ele o negro alvalá*

*Cristóvão Esteves também  
ou quiçais sabe Deos quem  
André Pires nam será.*

Branca . *Nem o conde do Vimioso  
Fernão d'Álvares seria  
ou o conde de Penela  
que é muito dadivoso  
já sei quem lho haveria:  
o dom Rui Lobo em Palmela  
ou o Lourenço de Sousa  
ou nam sei se o veador  
se o mesmo Pero Carvalho  
se foi bispo se doutor  
que nos deu tanto trabalho.*

186c

Marta . *Mau quebranto que os quebrante  
por que vão aportunar  
para ajudar a enganar  
ũa cachopa anarante  
c'um rascão do mau pesar.*

Branca . *Eles são os presidentes  
e os mesmos requerentes  
e se lhes dizeis que é mal  
tornam a culpa ao sinal  
e eles fazem-se inacentes.*

Marta . *Pois já isto anda tam baixo  
haverei co'esta cautela  
um alvalá de donzela  
entam casar no Cartaxo  
ou na raia de Castela.*

Frei Paço . *A honra só vos abasta  
se o moço é de boa linha  
seu pai será de boa casta  
e fidalgo mui asinha.*

A figura do judeu aparece esboçada nas palavras de Branca – embora cristão-novo, o rapaz *nam acerta a ave-maria*. Determinadas particularidades da sua linguagem, como o uso da interjeição *guai*, continuam a identificá-lo com os judeus.

Branca . *Atada fica a canasta  
fidalgo assi seria*

*fidalgo por seu dolor  
que sabe a brívia de cor  
e nam acerta a ave-maria  
andav'ele namorado.  
e por màora dizer ai  
dezia-lhe guai  
e por dizer minha senhora  
chamava-lhe minha sinoga  
este é o negro de seu pai.*

Marta . *Ouvides vós frei cigarra  
onde vai aqui a estrada  
per u os agravados vão?*  
Frei Paço . *Eu nam vos acho rezão  
nem sois agravadas nada.*  
Marta . *Porquê?*

O discurso de frei Paço, que aconselha o conformismo social, não consegue alterar as convicções das regateiras, muito lúcidas no seu saber, que é também o do Portugal de quinhentos – *o que as pranetas fazem \ é porque nós o causamos.*

Frei Paço . *Porque os casamentos  
todos são porque hão-de ser  
e com quem desd'o nacer  
e a que horas e momentos  
assi há-d'acontecer*

*e assi as religiosas  
naceram pera ser freiras  
e vós pera regateiras  
outras pera ser viçosas  
e outras pera canseiras.*  
Marta . *E vós mano frei trogalho  
em que pernetá nacestes  
que màora cá viestes  
dizei padre frei chocalho  
tudo vós isso aprendestes*

*cebolinho e espinafre  
já vo' la barba nace  
ora ouvide-lhe o sermão  
e tangede-lhe o atabaque  
nam caia ponde-lhe a mão.  
o que as pranetas fazem*

186d

*é porque nós o causamos  
e se fortunas nos trazem  
é porque nós as buscamos  
que os erros de nós nascem*

*entam quer frei bolorento  
falar comigo aravia.*

Branca . *Vamos nossa romaria  
que é grã perda perder tempo  
e mais vai-se a companhia.  
ou crê-me Marta do Rego  
este casamento é feito  
já a burrinha jaz no pego  
enterrado é Jam Galego  
nam temos nenhum direito*

*por ventura foi por bem  
rogo-t'ora como amiga  
que nam tomemos fadiga  
nem nos ouça mais ninguém.*

O teatro integra agora outras artes: música e dança. É outro modo de espectáculo na corte, em dia de festa. As palavras desenham disposições de corpos no espaço – *tu dali e eu daqui \ ou tu daqui e eu dali*.  
A *Cópilacam* conserva a letra da cantiga, o que nem sempre acontece.

*cantemos ùa cantiga  
ensaemo-nos per i  
pera irmos lá bailar  
tu dali e eu daqui  
ou tu daqui e eu dali  
mas tu hás-de começar.*

*Cantam ambas e bailam ao som desta cantiga.*

. *Mor Gonçalves*  
*tam mal que m'encarcelastes*  
*nos paços d'el rei*  
*e na câmara da rainha*  
*d'u bailava el rei*  
*e com dona Caterina*  
*Mor Gonçalves*  
*e tam mal que m'encarcelastes.*

187a

A dança (ensaio) é interrompida quando as regateiras vêem novo par que se

aproxima. O espanto pode ser provocado pela caracterização vistosa de quem chega, que na memória de Branca e de Marta evoca a pompa de momentos de festa.

Marta . *Embaixadas do Mondego  
ou que momos são ora estes  
que cá vem com frei galego?*

Branca . *Eu to direi muito prestes  
o frade é frei Narciso  
e vem cá muito queixoso  
porque o nam fizeram bispo  
o outro é Cerro Ventoso  
grã cabecinha de pisco*

*ambos vão muito agravados  
demos-lhe mana lugar  
queixar-s'-ão de seus agravos  
sem lhes nada aproveitar  
queixumes mal consirados.*

São agravados do paço – um religioso e um leigo. Parecem desdobrar *frei Paço*, que poderia ter ficado calado durante esta sequência – é possível que a *Copilaçam*, surda às vozes de 1533, tenha atribuído as falas de frei Narciso a outro *padre do paço*.

Cerro Ventoso e frei Narciso ocupam posições sociais cómodas, mas a ambição não os deixa satisfeitos – um quer ser conde, o outro bispo.

Cerro Ventoso . *Onde is padre?*

Frei Narciso . *Vou cá  
também nesta romaria.*

Cerro Ventoso . *Também à Santa Maria  
eu assi vou pera lá  
vamo-nos em companhia.*

Frei Narciso . *Vamos nome da Trindade.*

Cerro Ventoso . *Sempre aos religiosos  
tenho mui boa vontade.*

Frei Narciso . *Quem visse essa humanidade  
aos príncipes poderosos.*

Cerro Ventoso . *Padre eu sam dos agravados  
porque nam tenho de renda  
senam quatro mil cruzados  
fez-me el rei dos mais privados  
mas nam dá com que me estenda.*

Frei Narciso . *E eu prego a generosos  
príncipes singularmente  
e vivo mui austinente  
marteirando a carne e ossos  
como cá meu corpo sente.  
estudando maginando  
trabalhando por privar  
sem vontade jejuando  
senam somente esperando  
se posso mais arribar*

187b

*e por parecer miselo  
e toda a corte em mi crea  
defumo-me co' este zelo  
e faço o rosto amarelo  
com muita palha centea.  
e tudo isto padeci  
por haver algum bispado  
quasi assi arrezoado  
e porque tardava o pedi  
e saí bispo escusado.*

Cerro Ventoso . *Assi que pescastes nichel  
mui mal olhado foi isso.*

Frei Narciso . *Já fizessem-me ora bispo  
siquer do ilhéu de Peniche  
pois sam frade pera isso.  
que sem saber ler nem rezar  
vi eu já bispos que pasmo  
e nam sei conjecturar  
como se pode assentar  
mitara em cabeça d'asno.*

Cerro Ventoso . *Que tendes vós padre meu  
de renda?*

Frei Narciso . *Tenho lazeiras  
oitenta mil tenho eu.*

Cerro Ventoso . *Dixe e quem isso tem de seu  
nam pedirá polas eiras.*

Frei Narciso . *Dizei-me Cerro Ventoso  
nam hei-de ter ãa mula?*

Cerro Ventoso . *Se for bem estudioso  
por que quer um religioso  
andar sempre xula xula?*

- Frei Narciso . *Por isso peço eu bispado  
que possa ter dez rascões  
e um escravo ocupado  
que sempre tenha cuidado  
dos cavalos e falcões.*
- Cerro Ventoso . *Esse estado tam bispal  
a dita vos pode dá-lo  
mas sam Jerónimo é tal  
que inda que era cardeal  
nunca se pinta a cavalo*
- 187c
- mas vós padre sois do paço  
e sam Jerónimo do ermo  
e nam dobrais vosso braço  
açoutando o espinhaço  
nem trazeis o peito enfermo.*
- Frei Paço . *E vós de que vos queixais?*
- Cerro Ventoso . *Eu do paço me agravo  
que o servi como escravo.*
- Frei Paço . *Siquer vós que assi medrais  
nam devíeis d'ir tam bravo*
- porque entrastes nesse jugo  
mais prove do que eu estou  
e a dita vos terçou  
mas nam quero dizer logo  
que a soberba vos cegou.*
- Cerro Ventoso . *Corpo de mi co'a contenda  
nem com quanto vós falais  
a dous contos de reais  
nam me chegaram de renda.*
- Frei Paço . *Nam sei em que vos fundais*
- dous contos porquê? per onde?*
- Cerro Ventoso . *Digo-vos sem mais arengas  
como quem vos nada esconde  
que eu me fundo em ser conde  
siquer conde das Berlengas.*
- Frei Paço . *Tam largamente cortais  
que entender-vos nam posso  
sei que tendes bem de vosso  
e pois vos nam contentais  
vem-vos de Cerro Ventoso*

Este verso, que não me é fácil ler, poderia talvez ter-se ouvido como:

(o vosso descontentamento) vem-vos de ser o ventoso, outro cortesão com *palavrinhas de ventos*, num jogo subtil com o nome da figura, que já sugere o traço caricatural de Cerro Ventoso – o cúmulo da vaidade.

As figuras que seguem parecem renovar o primeiro par de agravados – gente do campo, um lavrador que se reclama o *maior dos agravados*, acompanhado pela filha. Apariç'Eanes, o rústico *que fala bem*, não se queixa de Deus, mas dos seus representantes.

*Apariç'Eanes vem  
com sua filha Giralda  
lavrador que fala bem  
nam nos estorve ninguém  
nem percamos dele nada.*

Apariç'Eanes . *Eu soía a ser que cantava  
c'os bois e sem bois ainda  
também quando caminhava  
sempre à ida e à vinda  
nunca de cantar cessava*

*jamais canseira sentia  
nem per calma nem per lama  
e ainda cantaria  
mas pobreza e alegria  
nunca dormem nũa cama.  
grande bem senam m'entheo  
é lembrar o mal passado  
depois de ser acabado  
porém eu qu'estou no meo  
vivo mais desesperado*

187d

*vou nesta triste romagem  
um dos mais atribulados  
e pera justa romagem  
minha era a pilotagem  
per maior dos agravados.*  
Frei Paço . *Corpo de mi c'o vilão  
como fala cerceado  
onde vás?*

Apariç'Eanes . *Per esse chão.*

Frei Paço . *Queres bailar?*

Apariç'Eanes . *Bofá não.*

Frei Paço . *Porquê?*

Apariç'Eanes . *Vou agravado.*

Frei Paço . *Agravo pode i haver*

Apariç'Eanes . *Perdoi frei alfaqui  
que vós nam sabeis comer  
pois falais isso assi.  
porque eu tenho dous casais  
dos frades d'apanha porros  
e c'os fortes temporais  
são as novidades tais  
que nam chegam pera os foros*

*e os padres verdadeiros  
cartuxos de santa vida  
apanham-me os travesseiros  
com mais ira que os rendeiros  
sem me rezão ser ouvida.  
cuidei qu'eles m'esperaram  
por nam ficar em camisa  
e o com que me consolaram  
foi dizer que nam tomaram  
espera por sua devisa*

*nam lhes rogo mal nem nada  
porque são santas pessoas  
mas praza à paixão sagrada  
que lhes dem tanta seixada  
que lhes quebrem as coroas.  
quero ora perder rancor  
e nam ir com isto ao cabo  
perdoe-lhes polo amor  
de Deos nosso salvador  
encomend'-os ò diabo*

188a

João Mortinheira pedira ao *frei* que ensinasse o seu filho a ser um rapaz *d'irgueija*, para melhorar a sua condição. Apariç'Eanes, outro *vilão*, quer que *Paço* faça a sua filha Giralda *paçã*.

Frei Paço . *Frei Paço.*  
Apariç'Eanes . *Frei Paço santa Guiomar  
frei Paço tendes espaço  
pera poder xaminar  
esta cachopa um pedaço?  
é da serra da Lousã  
moça de muito boa fama  
trago-a cá pera ser dama*

*quero que seja paçã.*

Frei Paço . *Amigo a dama prezada  
há-de ser rica e fermosa  
muito sentida assossegada  
cortês mansa graciosa.*

Apariç'Eanes . *Tudo isso Giralda tem.*

Frei Paço quer enfeitar Giralda com o acessório que parece ter em mãos – *um trançado, um toucado* –, depois referido como *isto, isso, ele*. Apariç'Eanes verbaliza a estranheza do lavrador perante os artifícios da corte, que ele recusa aceitar.

Frei Paço . *Ponhamos-lhe ora um trançado  
vejamos como lhe vem.*

Apariç'Eanes . *Dai dai ò demo o toucado  
que nam é pera ninguém.*

Frei Paço . *Tu vilão queres dizer  
que isto nam é pera a sega  
e pera o paço há mister.*

Apariç'Eanes . *Isso é rabo de pega  
e nam é pera mulher  
nisso está ora Apariço.*

Frei Paço . *Pois nam lh'estav'ele mal.*

Apariç'Eanes . *Viu nunca o demo pardal  
ter o rabo no toutiço.*

Frei Paço . *Nam lhe vejo bôs caminhos.*

Apariç'Eanes . *Porquê?*

Frei Paço . *Nam tem pera isso ar.*

Apariç'Eanes . *Pisou uvas no lagar  
e tem nódoas nos focinhos  
mas ela se irá lavar.  
e er também per reção  
qu'ela assi é pertelhoa  
lhe merquei eu em Lisboa  
dum que chamam solivão  
que faz luzir a pessoa*

*e merquei-lhe dum judeu  
duns torrões brancos que i há  
nam sei que nome é o seu  
alvaiade creo eu  
que o ele chamam cá.*

188b

*e merquei-lhe das tendei  
rebiquelhe genoês  
dum que põe polas trincheiras  
lhe merquei eu dez salseiras  
que lh'avondaram um mês.*

Começa a lição de cortesias:

Frei Paço . *Ora faça ùa mesura  
vejamos que ar lhe dá.*  
Giralda . *Pera cá ou pera lá?*  
Frei Paço . *Olhai-me aquela doçura  
pera a doçura de cá.  
senhora dama das cabras  
haveis de fazer assi  
atentastes pera mi  
e dai assi as passadas  
entendeis este latim*

*e olhareis deste jeito  
assi com um recacho oufano  
vosso corpo mui dereito  
pouco riso e mui bem feito  
forrado d'honesto engano.  
de quando em quando o falar  
cousa é que muito contenta  
nam amar nem o leixar  
e por vos mostrar isenta  
guardai-vos de sospirar.*

Giralda . *Tudo isso que dizeis  
farei eu senam de flores.*

É também uma lição de amor em estilo cortês, cuja retórica se desconstrói em cómico de mal-entendidos.

Frei Paço . *Quereis vós falar amores  
por ver que respondereis  
aos vossos servidores?  
senhora há já mil anos  
que vos quisera falar  
e por vos nam anoj  
padeço já tantos danos  
que os nam posso calar.*

- Giralda . *Que màora cá viestes  
como eu folgo co'isso tal.*
- Frei Paço . *Se vós folgais c'o meu mal  
o meu mal vós o fizestes  
ó meu bem angelical  
que em pago do bem que vos quero  
se nam vós quem me feriu  
com o vosso lindo cutelo?*
- Giralda . *Disso estais vós amarelo  
do sangue que vos saiu.*
- Frei Paço . *Ó senhora que matais  
a todos quantos feris  
e a ninguém perdoais.*
- Giralda . *Quam docemente mentis  
todos quantos bem falais.*
- Frei Paço . *Senhora quem amansasse  
vossas iras de matar.*
- Giralda . *Quantos mortos que eu matasse  
ajudastes a enterrar.*
- Frei Paço . *Ao menos eu agora  
sem remédeo de conforto  
já minha alma é de mi fora  
pois memento mei senhora  
lembre-vos que ando morto.  
morto me tendes aqui  
e morto desesperado.*
- Giralda . *Quant'a se isso fosse assi  
espantar-m'-ia eu de mi  
nam pasmar d'homem finado  
  
como? fantasma sois vós?*
- Frei Paço . *Oh como estais graciosa.*
- Giralda . *Digo que sam tam medrosa  
dos mortos livre-nos Deos  
que nam creo a morte vossa.  
se morto como falais?  
se defunto como ouvis?  
sem alma como sentis?  
sem sentidos que pedis?  
finado vós que buscais?*
- Frei Paço . *Sam morto e vivo em tormento  
sam finado e ando em pena.*

Giralda . *Porém vosso enterramento  
quando embora se ordena  
e se cumpre o testamento?*

Apariç'Eanes . *Frei Paço já bem está  
escusada é mais lingoagem  
quero ir minha romagem  
qu'isto mui bem se fará  
porque a moça é d'avantagem.*

Frei Paço . *Ûas freiras que cá vem  
são naturais da Secília  
Dorosia e Domicília  
são os seus nomes que tem.  
e de mal aconselhadas  
e tocadas da ignorância  
vão queixosas e agravadas  
porque as fazem encerradas  
e viver em observância.*

188d

Em 1533, em Évora, são representadas as únicas freiras conhecidas na produção teatral de Vicente. Não sei como estão vestidas, mas é possível que, como frei Paço, tragam hábito e capelo.

*Vem Domicília e Dorosia freiras e diz Domicília:*

. *Certamente enfindos são  
cousa pera nam se crer  
os queixosos que cá vão  
s' eles todos tem rezão  
mas isto nam pode ser.*

Dorosia . *Por que há i tantos agravados  
mais agora que soía?*

Domicília . *Porque nos tempos passados  
todos eram compassados  
e ninguém se desmedia*

*mas a presunção isenta  
que creceo em demasia  
criou tanta fantesia  
que ninguém nam se contenta  
da maneira que soía.  
tudo vai fora de termos  
deu o ar na recovagem.*

Dorosia . *Será bem nam nos determos  
andemos quanto podermos*

*cumpramos nossa romagem*

*roguemos a frei Narciso  
que vá em nossa companhia  
fá-lo-á com boa vontade.*

Domicélia . *Irmã bô seria isso  
e eu bem o outorgaria  
mas abasta-lhe ser frade  
e bem narciso aosadas.*

Dorósia . *Pois com quem iremos nós?*

Domicélia . *É melhor que vamos sós  
que nam mal acompanhadas.*

Dorósia . *Porquê?*

Domicélia . *Isso vede vós.*

Dorósia . *Deo gracias padre Narciso.*

Frei Narciso . *Pera sempre aleluia.*

Dorósia . *Pois is nesta romaria  
assi Deos vos dê o paraíso  
que vamos em companhia.*

Frei Narciso . *Iria mui ledo em cabo  
milhor que pera o mosteiro  
mas o amor é tam ligeiro  
que o dai vós ao diabo  
e temo seu cativeiro.*

Dorósia . *Iremos padre rezando  
sempre de noite e de dia.*

Frei Narciso . *Já disse que folgaria  
mas temo d'ir sospirando  
mais vezes do qu'eu queria.*

Dorósia . *Pois como? havemos d'ir sós  
daqui a quarenta jornadas?*

Frei Narciso . *De que ides vós agravadas?*

Dorósia . *De quê? coitadas de nós  
que rezão temos aosadas.*

Frei Narciso . *Tamanha é a importância  
que assi vos desterrais.*

Dorósia . *Padre éramos craustais  
e fazem-nos de observância  
e pera sempre jamais.*

Frei Narciso . *E disso vos agravais?*

Dorósia . *Disto nos queixamos nós.*

Frei Narciso . *Pois que haveis medo d'ir sós*

189a

*pera que vos arredais  
da companhia de Deos*

*cuidais que is bem aviadas  
pois eu senhoras me fundo  
que quanto mais encerradas  
tanto estais mais abrigadas  
das tempestades do mundo.  
ca sempre os sábios dixeram  
pois do falar vem os perigos  
conversaço afastá-la.*

Domicília . *Dizei que mal nos fizeram  
os parentes e amigos  
para lhes tolher a fala*

189b

*e se formos visitadas  
de mãe ou tias ou dona  
por que males ou erradas  
lhes falaremos tapadas  
coma bestas d'atafona.*

O grupo de agravados, já numeroso, vê chegar o último par de *Romagem*: duas pastoras, num auto para *nascimento*.

Frei Narciso . *Estas pastoras ouçamos  
saberemos seus agravos.*

Juliana . *Hilária mui pouco andamos  
pera segundo levamos  
os corações agravados.*

Hilária . *O meu Silvestre anda morto  
porque me querem casar  
c'o filho de Pero Torto.*

Juliana . *E o meu Brás quer-se enforçar  
porque me casam no Porto.*

Hilária . *Silvestre há-de fazer  
um desatino de si.*

Juliana . *E Brás há-de endoudecer  
pois Deos nam há-de querer  
que eu nada faça de mi.*

Hilária . *Juliana que faremos?*

Juliana . *Bofé Hilária nam sei.*

Hilária . *Sabes mana que eu farei?*

Juliana . *Dize rogo-to e veremos.*

Hilária . *Escuta que eu to direi:  
darei que andando a de parte  
c'o meu gado em Alqueidão  
m'apareceu ãa visão  
que me disse: moça guar-te  
de chegares a barão*

*e assi me escusarei  
deste negro casamento  
e depois andando o tempo  
outra visão acharei  
que case a contentamento.*

Juliana . *Eu direi que um escolar  
me tirou o nascimento  
e disse: o teu casamento  
se no Porto hás-de casar  
amara vida te sento*

*ca serás demoninhada  
esses dias que viveres.*

Hilária . *Quê? co'essa emborilhada  
ficarás desabafada  
casarás com quem quiseres.*

189c

Juliana . *A fortuna todavia  
nos tem que farte agravadas  
andemos nossas jornadas  
cheguemos à romaria  
e seremos descansadas.*

À medida que as figuras vão chegando integram-se no grupo de romeiros. As aproximações não causam surpresa – as freiras falam a frei Narciso, as pastoras interpelam um vilão.

Hilária . *Rogo-vos Jão da Morteira  
que nos vades acompanhar.*

João Mortinheira . *Cachopas hei-de levar  
per essa mesma maneira  
me darão muita madeira  
nas costas a meu pesar.*

Juliana . *Porquê?*

João Mortinheira . *Porque há i  
rascões e outros de paço  
e as cachopas dão-lhes d'azo  
entances buscai per i  
e tomai raposa em laço.*

Juliana . *Nós somos d'outro lameiro  
e de casta mais sesuda.*  
João Mortinheira . *Tudo isso pouco ajuda  
que ãa cachopa se muda  
como o tempo em Fevereiro.  
pardez que nom há que fiar  
que os caranguejos na eira  
e as moças na carreira  
quem as houver de guardar  
bofás tem assaz canseira*

*crede que fazem por elas  
todolos escudeirotos  
e ainda os sacerdotes  
poucas vezes fogem delas.  
deixemos ora estes motes  
pois que vos querem casar  
pera onde is aviadas?*

Juliana . *Porque somos agravadas  
nos imos desagrarar  
bem tristes e bem cansadas*

*eu nam sei por que respeito  
nossas mães e nossos pais  
nos trazem maridos tais  
tanto contra nosso jeito  
que os diabos nam são mais.  
as cabeças como outeiros  
os cabelos carcomidos  
louros coma sovereiros  
penteados d'ano em ano  
maus chiotes de má pano  
folgai lá com tais maridos.*

189d

Hilária . *E o meu é por seus pecados  
vesgo o mais que nunca vi  
tem os olhos enfrestados  
se lhe falares ou assi  
nam saberás se olha a ti  
se olha pera os telhados.*

João Mortinheira . *Vós outras sois ãa relé  
bofá de forte alimento  
ora olhai vós que cousa é  
que vós remais coma galé  
e andais melhor qu'o vento*

*casai earamá com siso  
e dai ò demo a afeição  
que se seca logo isso  
e quem casa com aviso  
acha em casa a descrição.*

Juliana . *Como casam?*

João Mortinheira . *Muito asinha.*

Juliana . *De que modão?*

João Mortinheira . *Digo eu  
Juliana eu sam teu  
ora dize tu que és minha  
e mais quanto Deos te deu.*

Juliana . *Não é mais. e isso avonda?*

João Mortinheira . *Nam é mais nem mais se deve  
porém a cantiga é breve  
mas a grosa muito longa.*

É no momento final, depois do desfile dos agravados, *homens de vento* presentes em cena, que se lembra a circunstância do auto – o nascimento de um *ifante*. A recordar alguns autos de Natal em que a adoração do presépio também é teatro, a celebração do nascimento termina com canto e dança, adorando outro presépio – *el ifante el rey y la reina*.

Frei Paço . *Agravos que nam tem cura  
procurai de os esquecer  
que impossível é vencer  
batalha contra ventura  
quem ventura nam tiver*

*nam deve lembrar agora  
agravos nem fantasias  
senam muitas alegrias  
à rainha nossa senhora  
que viva infinitos dias.  
cantemos ãa cantiga  
ao mesmo ifante bento  
e ao seu bento nacimiento  
por que a rainha nam diga  
que somos homens de vento.*

190a

*Ordenaram-se todas as feguras como em dança e a vozes bailaram e cantaram a cantiga seguinte.*

Gil Vicente compõe uma cantiga em castelhano, com refrão e leixa-prem,

para o nascimento de D. Felipe, *por Mayo*, mês que sugere o renascer da Natureza.

O primeiro verso da cantiga não é inédito em Vicente e já fora cantado em *Farelos, Físicos, Lusitânia*. É também início de um *romance velho, de tema e som tristonho, em que um prisioneiro sem nome descreve cheio de saudades pesarosas, os efeitos que a ressurreição primaveril produz em todos os seres animados... que gozam de liberdade* (Vasconcelos 1907-9, 1980: 209). No século XVI, tempo da cantiga de Vicente, esse romance teria já duas versões com muitas variantes.

*. Por Mayo era por Mayo  
ocho días por andar  
el ifante don Felipe  
nació en Évora ciudad  
ua ua  
viva el ifante el rey y la reina  
como las aguas del mar*

*el ifante don Felipe  
nació en Évora ciudad  
no nació en noche oscura  
ni tampoco por lunar  
ua ua  
viva el ifante el rey y la reina  
como las ondas del mar*

*no nació en noche oscura  
ni tampoco per lunar  
nació cuando el sol decrina  
sus rayos sobre la mar  
ua ua  
viva el ifante el rey y la reina  
como las aguas del mar*

190b

*nació cuando el sol decrina  
sus rayos sobre la mar  
en un día de domingo  
domingo pera notar  
ua ua  
viva el ifante el rey y la reina  
como las ondas del mar*

*en un día de domingo  
domingo pera notar  
cuando las aves cantaban*

*cada una su cantar  
ua ua  
viva el ifante el rey y la reina  
como la tierra y la mar*

*cuando las aves cantaban  
cada una su cantar  
cuando los árboles verdes  
sus frutos quieren pintar  
ua ua  
viva el ifante el rey y la reina  
como las aguas del mar*

*cuando los árboles verdes  
sus frutos quieren pintar  
alumbró Dios a la reina  
con su fruto natural  
ua ua  
viva el ifante el rey y la reina  
como las aguas del mar.*

190.29

O final do auto é festa, as figuras cantam e dançam.

*E com esta música e dança se saíram e fenece esta última  
tragicomédia do livro terceiro.*

A censura inquisitorial exclui *Romagem d'Agravados* da *Copilaçam* de 1586 – mas a representação satírica de figuras eclesiásticas, a revolta e as blasfémias contra Deus, o inconformismo geral tinham resistido à prova censória de 1562. Bell (1920, 1940: 71) e Braamcamp Freire (1919, 1944: 301) colocam a hipótese de identificação entre *Romagem* e *Aderência* ou *Vida do paço*. Um destes dois textos, condenados no *Rol dos livros defesos* de 1551, poderia ter sido impresso em 1562 sob o nome de *Romagem d'Agravados*, disfarce eficaz perante a Inquisição. O nome do auto é também verso do texto e a mudança teria implicado alterações em, pelo menos, uma estrofe.

No século XX, o auto volta a ser representado, em Junho de 1982, pela Companhia de Teatro de Santarém, em espectáculo subsidiado pelo Ministério da Cultura e pela Fundação Calouste Gulbenkian. Nos Paços do concelho de Santarém, o nascimento do príncipe não é circunstância representada e os pares desfilam, entrando e saindo de cena em cada seqüência. O mesmo actor faz várias figuras.

O texto que apresento é lido por um exemplar da edição fac-similada da *Copilaçam* de 1562 (*Obras Completas de Gil Vicente*, Lisboa: Biblioteca Nacional, 1928). Os números e letras na margem direita do texto transcrito indicam os fólhos e colunas da edição original. A transcrição pratica convenções ortográficas em vigor em 1990 e procura representar a realidade linguística da época de Vicente – nesse sentido, transcreve-se o latim *gratias* e *caetera* por *gracias* e *cetera*.

## Referências

- Francisco de Andrada  
1613 *Crónica do muito alto e poderoso rei destes reinos de Portugal*  
1976 reedição  
*Crónica de D. João III*  
Porto: Lello
- Aubrey Bell  
1920 «Gil Vicente»  
*Four Plays of Gil Vicente*  
1940 tradução portuguesa  
*Estudos Vicentinos*  
Lisboa: Imprensa Nacional
- Cristina Firmino  
1989 *Templo. Vicente*  
Lisboa: Quimera
- Anselmo Braamcamp Freire  
1919 *Vida e Obras de Gil Vicente «Trovador, Mestre da Balança»*  
1944 segunda edição  
Lisboa: Ocidente
- Laurence Keates  
1962 *The Court Theatre of Gil Vicente*  
1988 tradução do autor  
Lisboa: Teorema
- Margarida Vieira Mendes  
1990 «Gil Vicente: o génio e os géneros»  
*Estudos Portugueses. Homenagem a António José Saraiva*  
Lisboa: ICALP-FLUL
- I. S. Révah  
1951 «La “comédia” dans l’oeuvre de Gil Vicente»  
*Bulletin d’Histoire du Théâtre Portugais 2.1*  
Lisboa: Institut Français au Portugal
- António José Saraiva  
1942 *Gil Vicente e o Fim do Teatro Medieval*  
1981 terceira edição  
Lisboa: Bertrand
- Leif Sletsjöe  
1965 *O Elemento Cénico em Gil Vicente*  
Lisboa: Casa Portuguesa

Paul Teyssier

1982 *Gil Vicente – o autor e a obra*  
1985 segunda edição  
Lisboa: ICALP

Carolina Michaëlis de Vasconcelos

1923 *Notas Vicentinas*  
1949 reedição  
Lisboa: Ocidente

Carolina Michaëlis de Vasconcelos

1907-9 *Romances Velhos em Portugal*  
1980 reedição  
Porto: Lello